

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Martin Scorsese, Entre a Raiva e o Silêncio

23 de Setembro de 2026

A LETTER TO ELIA / 2010

um filme de Martin Scorsese (e Kent Jones)

Realização e Argumento: Martin Scorsese e Kent Jones / **Imagem:** Mark Raker / **Montagem:** Rachel Reichman / **Som:** Bill Wander / **Com as presenças de:** Elias Koteas (voz de Kazan), Elia Kazan, Martin Scorsese.

Produção: Sikelia Productions, Far Hills Pictures, em associação com America Masters (Estados Unidos) / **Produtores:** Emma Tillinger Koskoff, Martin Scorsese / **Produtores Executivos:** Stone Douglass, Taylor Materne / **Cópia:** em DCP, cor e preto e branco, versão original em inglês, com legendas electrónicas em português / **Duração:** 60 minutos / **Primeira apresentação pública:** 4 de Setembro de 2010, Festival de Cinema de Veneza / **Primeira exibição na Cinemateca.**

*“Um dia John Cassavetes disse que ser realizador
era não ter medo de nada, nem de ninguém.
Senti-o pela primeira vez a ver os filmes de Elia Kazan.”*

Martin Scorsese

“Que tipo de homem deve ser um realizador? (...) Questão que coloquei a mim próprio face aos filmes de Kazan dos anos 1950, com os quais cresci e que cresceram comigo”. Martin Scorsese (alternando entre *on* e *off*) dissecas as qualidades esperadas de um cineasta a partir dos filmes do seu mestre, homem de “pele grossa e alma sensível”. Os filmes de Kazan revelam como as pessoas e o mundo que conheceu interessam. “Essencialmente tenho a alma de um emigrante, de um outsider”. Diz sobre Elia Kazan e sobre si próprio, e sobre tudo o que experienciou nos seus filmes.

Tudo o que aprendeu como emigrante numa terra estranha. O “anatolian smile”. Arma contra o mundo que os rodeava. “Kazan explica numa entrevista como essa era a sua família, e como a história de **America America** (que se estava para se chamar “Anatolian Smile”) é a história da sua família, e a “da minha”, acrescenta Scorsese. “Este filme diz muito mais sobre mim do que se poderia pensar, diz Kazan com um sorriso nos lábios enquanto manda o entrevistador “passear”. “Tenho essencialmente a alma de um emigrante, de um outsider”. Scorsese por seu lado, revela a importância que teve para si **America, America**, pelo seu lado pessoal, artesanal, mas também épico. “Foi a ruptura de Kazan com os estúdios”. E as duas vozes confundem-se.

Raiva, medo, ressentimento, o não poder confiar em ninguém, os sentimentos que Kazan compreendeu e que colocou nas suas personagens, o modo como Kazan

encontrou a ideia de “casa” nos filmes. Primeiro no teatro (enquanto membro de um grupo que mudou o modo olhar o teatro, como parte do Actors Studio) e depois no cinema. Evoca-se a Caça às Bruxas e como o facto de Kazan ter denunciado nomes de conhecidos conotados com o partido comunista marcou toda a sua vida. E como tal, também marcou a sua vida como realizador. Diz Scorsese, “Como um “director” se tornou em “filmmaker”.

Scorsese identifica-se com Kazan e com Marlon Brando. Eram personagens como nós, que não víamos em Hollywood. Estes eram os rapazes que amavam e odiavam ao mesmo tempo. Identifica-se com os telhados que frequentavam, como se moviam, como se relacionavam. Como se afirmavam como “duros” face aos outros. Scorsese conta como ele próprio encontrava algum refúgio na catedral e ao mesmo tempo nos cinemas. “Pagava e sentia-se em paz na sala de cinema, e a vida dava-me matéria para os filmes”. Vemos as ruas sujas, com pessoas a dormir nas ruas, fala de habitações sobrelotadas, de um bairro que parecia uma aldeia.

Totalmente dedicado a Elia Kazan e realizado num modo confessional, **A Letter to Elia** conta com a colaboração do crítico e historiador Kent Jones, que já tinha acompanhado na sua viagem ao cinema italiano (**My Voyage to Italy**, 1999). Uma viagem igualmente pessoal, mas que não tem o poder de condensação desta e o mesmo tom autobiográfico. Este é um filme Kazan, mas é sobretudo um filme sobre o próprio Scorsese. E ficam-nos as imagens de **On the Waterfront** e de **East of Eden**, nas quais Scorsese se revia, mas também de **A Face in the Crowd**, **Wild River**, ou o já referido **America, America**. E revemos **East of Eden** com Scorsese, um filme que o marcou como nenhum outro.

Em a **A Personal Journey with Martin Scorsese through American Movies** (1995), filme anterior de Scorsese, já havia naturalmente referência a Kazan, mas aqui este ganha um maior destaque no panteão daqueles que no cinema americano “lutaram para impor a sua visão do mundo e do cinema”. Scorsese cita o momento tardio em que Kazan recebeu o Óscar de carreira e em que voltou a controvérsia. “Senti que ele não merecia. Senti que tinha que estar a seu lado.” E esteve, como tão bem o vemos nas imagens, e se, como também afirma, Scorsese “nunca disse a Kazan o que os filmes significavam para si”, este gesto terá dito tudo.

Joana Ascensão